
Relato de uma etno-expedição em Belém do Pará: entre os pontos de vista nativos e não-nativos

Antonio Maurício Costa, Luciana Wilm e Gizelli Vasconcelos



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1774>

DOI: 10.4000/pontourbe.1774

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

Antonio Maurício Costa, Luciana Wilm e Gizelli Vasconcelos, «Relato de uma etno-expedição em Belém do Pará: entre os pontos de vista nativos e não-nativos», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 05 agosto 2014, consultado o 01 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1774> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1774>

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

Relato de uma etno-expedição em Belém do Pará: entre os pontos de vista nativos e não-nativos

Antonio Maurício Costa, Luciana Wilm e Gizelli Vasconcelos

- 1 Em agosto de 2010, um dia após o encerramento da 27ª Reunião Brasileira de Antropologia, fizemos uma excursão etnográfica pela cidade de Belém (PA), da qual participaram: o professor José Guilherme Magnani, antropólogo e docente da Universidade de São Paulo, Antonio Maurício Costa, professor de antropologia, a mestranda em antropologia Luciana Wilm e Gizelli Vasconcelos, graduada em História. Os três últimos são vinculados à Universidade Federal do Pará.
- 2 O itinerário escolhido baseou-se no conhecimento e participação dos pesquisadores nativos em pesquisas antropológicas, desenvolvidas na UFPA, que analisam as práticas culturais, formas de sociabilidade e trocas sociais vivenciadas na orla, nos portos (públicos e privados) e nas feiras da cidade. Fizemos um percurso que privilegiou as margens fluviais de Belém: em frente à Baía do Guajará, na região central da cidade; na beira do Rio Guamá, que margeia alguns bairros (entre eles, o Jurunas que escolhemos para o nosso itinerário); e a orla do distrito de Icoaraci (município de Belém), ao longo do Rio Pará.
- 3 Vista de cima, a cidade se assemelha a uma península, cercada pelos rios Pará e Guamá nas laterais e tendo, à frente do núcleo de origem, a Baía do Guajará, resultante da

confluência dos dois rios. Observemos o mapa da cidade abaixo considerando a divisão de bairros:



Mapa dos Bairros de Belém



Ilustração do Mapa de Belém divulgada pela companhia de turismo vinculada à Prefeitura Municipal. Os trechos circundados em vermelho foram os lugares que visitamos

- 4 Os trechos assinalados na figura acima foram uma escolha nossa, dos nativos, que pretendiam apresentar um pouco da dinâmica ribeirinha da cidade. Para isso, foi escolhido um roteiro que seguiu Belém de margem a margem: da Baía do Guajará ao Rio Guamá e, por fim, ao Rio Pará, observando as variadas formas que a população local têm de se relacionar com suas águas.
- 5 A expedição foi, portanto, um passeio diferenciado dos roteiros turísticos comuns que apresentam apenas lugares de contemplação de belezas naturais. Neste percurso, tentamos apresentar a cidade em seu cotidiano, destacando principalmente os trechos e práticas sociais vinculados aos nossos interesses de pesquisa, para que, desta forma, tornássemos visível um painel amplo da vida urbana desta cidade da Amazônia ao nosso turista-etnógrafo Prof. Dr. José Guilherme Magnani.

- 6 O relato entrecruza, portanto, dois tipos de olhares: o nativo e o estrangeiro; o familiar e o estranho. Partimos da familiaridade de quem vive há muito tempo em Belém e cuja experiência em pesquisas de campo antropológicas ampliou a compreensão da dinâmica urbana.
- 7 O olhar curioso e não familiar do “estrangeiro”, percebido através de suas fotografias tomadas ao longo do percurso, e que são em grande parte das utilizadas neste relato, é empregado como guia para a descrição da excursão. O registro aqui apresentado pode ser tomado como um conjunto de apontamentos coletivos sobre uma breve observação de campo.
- 8 O trajeto percorrido alternou caminhadas e percursos feitos de carro, dadas as distâncias entre os pontos escolhidos.
- 9 Começamos nossa observação pela Vila da Barca por volta das 9 horas da manhã, no Bairro do Telégrafo, área de moradias pobres próxima ao centro da cidade. Este lugar vivencia um projeto de reestruturação das condições de habitação. As casas de palafita sobre as águas da Baía do Guajará estão sendo vagarosamente substituídas por residências de alvenaria agrupadas em pequenos prédios de quatro a cinco andares.
- 10 O projeto, existente já há alguns anos, ainda não alcançou nem metade da população daquele trecho carente, onde grande parte dos moradores ainda vive em casebres de madeira, em becos e vielas que se espraiam numa área sujeita a inundações e sem saneamento básico. Mesmo estando próximas ao centro da cidade, aquelas pessoas não têm acesso aos benefícios do desenvolvimento urbano, reproduzindo, em suas formas de morar, uma tipologia residencial muito comum na Amazônia, que são as casas de palafitas.
- 11 Seguimos em direção a uma praça à margem da baía, que se tornou um importante foco de atração turística: o chamado “Ver-o-Rio”. Apesar de estar próxima a Vila da Barca, esta praça se localiza num bairro nobre de Belém: o Umarizal. Esta proximidade entre bairros centrais e periféricos é uma característica da cidade, uma vez que grande parte da região localizada à beira rio era composta de terrenos alagadiços e que serviram, durante muito tempo, de morada para a população menos favorecida. Com o passar do tempo, muitos desses lugares foram aterrados e reestruturados, porém determinadas áreas no centro da cidade ainda permanecem classificadas como periféricas, principalmente, por causa de sua pouca estrutura.
- 12 O bairro do Umarizal, até meados do século XX, era composto por casas de famílias de classe média e média baixa que moravam em suas inúmeras vilas. O Umarizal se tornou o grande foco para o crescimento do setor imobiliário, especialmente voltado para a construção e venda de imóveis em edifícios de alto padrão. Isso permitiu a alguns de seus moradores a contemplação do “mais novo ícone da cidade”, o rio.
- 13 Como acontece em grande parte dos bairros localizados nas proximidades da orla de Belém, o rio e as matas da outra margem não são de fácil visibilidade. Quase toda a margem fluvial de Belém está ocupada por prédios públicos ou particulares, empresas de transporte de pessoas e mercadorias, portos públicos e privados, estabelecimentos comerciais e moradias. O dado que chama a atenção é que quase todos estes imóveis estão, teoricamente, de costas para o rio.
- 14 Políticas de abertura da orla têm estado na pauta dos gestores públicos nos últimos vinte anos e têm sido usadas como moeda de troca eleitoral por candidatos a prefeito e a vereador de Belém. Tais projetos de abertura foram rotulados pela imprensa, por

pesquisadores e por gestores urbanos com o nome de “Janelas para o Rio”. Mas o fato é que as tais janelas, na maioria, vêm sendo abertas em áreas ocupadas por imóveis públicos, que não exigem desapropriação. No mais, as estratégias de abertura até então colocadas em prática não apresentam alternativas às condições de vida da população pobre, de origem ribeirinha, proveniente do interior do estado, instalada na cidade em moradias precárias à beira rio. A política de criação de “Janelas para o Rio” tem se limitado a criar pontos turísticos, espaços de lazer e consumo para as classes médias em poucos trechos da orla da cidade.

- 15 Do Ver-o-Rio, fomos à outra margem fluvial da cidade, em direção ao populoso bairro do Jurunas. Localizado à beira do Rio Guamá, a região se destaca por ter uma população oriunda, em sua maioria, de cidades e vilas ribeirinhas do interior do estado. Além disso, ele mantém um vínculo estreito com outras cidades paraenses à beira rio, por meio de seus portos públicos e particulares, como o Porto do Açaí, vizinho ao Complexo de Abastecimento do Jurunas.
- 16 O complexo é uma grande feira livre, inserida na mancha comercial do bairro, abastecida principalmente pelos produtos que ingressam na cidade via o porto público do Açaí. Este nome, aliás, não é por acaso. O açaí é o principal produto alimentício que é trazido para este porto. Frutas, verduras, peixes, farinha e madeira compõem a lista dos produtos mais notórios movimentados em portos como o do “Açaí”.
- 17 Os portos desempenham papel importante no transporte cotidiano de passageiros em barcos de diversas tipologias como “gaiola”, canoas, catraias. Estas levam e trazem trabalhadores da feira, do comércio, estudantes, turistas, pessoas em busca de inúmeros serviços como os de saúde, advocacia, etc. O ir e vir contínuo de pessoas entre Belém e outras cidades ribeirinhas paraenses é uma marca do dia-a-dia destes inúmeros portos da orla do Rio Guamá.
- 18 Do Porto do Açaí percorremos o Complexo de Abastecimento do Jurunas. Fizemos contato com diversos feirantes, basicamente intermediado pelo uso da câmera fotográfica do antropólogo “estrangeiro”, que procurava registrar as peculiaridades desta feira.
- 19 A cada foto, a imagem era mostrada ao fotografado como forma de retribuição. Assim, este pretexto servia para iniciarmos uma breve conversa sobre o cotidiano e o trabalho na feira.
- 20 Continuando o caminho das feiras, fomos para a mais antiga e importante feira de Belém: a feira do Ver-o-Peso, à margem da Baía do Guajará.
- 21 Esta região é, ao mesmo tempo, uma mancha comercial e uma referência histórica fundamental. Abarcando em suas proximidades o local de fundação da cidade (o Forte do Presépio), suas primeiras ruas, os prédios históricos mais antigos (de arquitetura barroca), os inúmeros barcos atracados na enseada fronteira ao Mercado de Ferro, o Ver-o-Peso é a paisagem emblemática de cidade.
- 22 Nesta feira, o comércio de alimentos é extremamente setorizado, começando com os crus, centrados no Mercado de Carne e no Mercado de Ferro, especializado na venda de peixes; os alimentos industrializados, legumes, frutas e verduras se distribuem nas proximidades desses dois prédios, por fim, os alimentos que são cozidos e preparados dentro da feira ficam em espaços mais afastados.
- 23 Esta feira é dividida em vários setores especializados em produtos e serviços particulares: setores de verduras, artesanato, roupas, polpas de fruta, frutas comuns,

frutas raras, carnes salgadas, farinha, venda de refeições, ervas aromáticas e medicinais, dentre vários outros. Além dessa divisão que vemos espacialmente, também podemos perceber outras atividades que funcionam sem ter um espaço demarcado, tais como, manicures, amolador de facas, consertador de panelas, rifeiras (vendedoras de rifas), bicheiros, vendedores de café, etc.

- 24 Dentre os produtos da feira, o que mais chamou a atenção de nosso visitante foi o tucupi, considerando a peculiaridade do seu preparo. A mandioca brava foi domesticada por povos indígenas amazônicos ancestrais e é consumido em grande escala em Belém e em várias outras cidades amazônicas. Nas fotos abaixo, temos uma sequência de preparação do tucupi na própria feira do Ver-o-Peso. As fases do trabalho se dividem em descascar as raízes, espremer o tubérculo e retirar o sumo, que é fervido durante longo tempo para transformar o líquido venenoso em bebida consumível.
- 25 A caminhada detalhada nesta feira por seus inúmeros setores foi guiada por Luciana Wilm, que já havia desempenhado o papel de “guia etnográfica” de nosso grupo na Feira do Jurunas, seu atual locus de pesquisa. Em cada lugar ela encontrava “conhecidos” (isto é, pessoas com as quais já teve algum contato em suas pesquisas anteriores), das barracas de cerâmicas decorativas ao mercado de peixe, locais de venda de sucos típicos e barracas de ervas aromáticas e medicinais.
- 26 Em cada um desses locais, determinados feirantes nos tratavam com grande atenção, uma vez que nossa “guia” já possuía vínculos de confiança com os trabalhadores.
- 27 Almoçamos no Ver-o-Peso, em meio ao calor do meio dia, aos sons do tecnobrega que vinham das barracas de refeição. Bancos de madeira, de tamanhos variados, exerciam a função de mesas e cadeiras (os “môchos”, como são popularmente conhecido): os mais altos são as mesas, os menores as cadeiras. Isso acontece pelo espaço reduzido entre as barracas, que não permite a instalação de mesas para as refeições.
- 28 Normalmente, os trabalhadores do comércio (e os próprios feirantes) se alimentam nos balcões das barracas de refeição que se dividem em plataformas de cima e plataforma de baixo. A diferença entre elas é o tipo de comida a ser comercializada: em baixo, as barracas alternam refeições com açaí (forma tradicional de alimentação amazônica) e PF (prato-feito); na plataforma de cima, ocorre a comercialização de bebidas alcoólicas, tira-gostos de frutos do mar e peixes diversos. Em qualquer uma das plataformas, os frequentadores comem tranquilamente em meio ao trabalho de uns e a diversão de outros.
- 29 Na conversa durante o almoço, regada por uma ou duas cervejas, decidimos partir em direção ao distrito do Icoaraci, para observar a dinâmica social presente em outro ponto de orla da cidade.
- 30 Encontramos dificuldades para chegar ao distrito por conta de uma manifestação que bloqueou a principal via de acesso. Retornamos e optamos por seguir um caminho alternativo, pelo bairro conhecido como Pratinha, mais próximo da orla do Rio Guamá. Foi possível observar, neste trajeto, por entre os espaços desocupados, redes de pesca, alguns “currais” de peixe, pequenos barcos, canoas, “rabetas” atracados na beirada, ou em pequenos portos. Destaca-se também a presença de grandes construções como portos de embarque e desembarque, estâncias madeireiras, depósitos de bebidas e gás. Todas essas construções ocupam um amplo espaço e impedem a observação do rio. Após o deslocamento incomum de aproximadamente 1:30h chegamos ao distrito.

- 31 Icoaraci foi, no passado, até meados do século XX, uma estação de veraneio para as famílias abastadas de Belém. Suas casas “de campo” eram cercadas pelos casebres dos moradores mais pobres. Estes últimos eram pescadores, artesãos ceramistas e demais trabalhadores urbanos, cujas atividades giravam em torno do consumo das famílias de ricos veranistas.
- 32 A partir da segunda metade do século XX, o distrito de Icoaraci integrou-se plenamente à estrutura urbana de Belém, mesclando a dinâmica socioeconômica dos bairros vizinhos. O distrito é hoje um importante núcleo populacional circundado pela expansão de condomínios residenciais (para todos os níveis de renda), pela instalação de indústrias de transformação e beneficiamento. Nos últimos anos se introduziu no distrito uma importante rede de serviços.
- 33 A visibilidade da orla de Icoaraci contrasta com os outros lugares visitados na cidade. Por ser aberta, esta orla sempre foi muito utilizada para a pesca e o lazer, já que este distrito durante muito tempo foi caracterizado como um lugar distante para passeios e contemplação das belezas naturais.
- 34 A gestão municipal realizou, nos últimos anos, reforma de parte da orla do distrito, acentuando seu papel de atração turística e de lugar de lazer. Caminhamos por toda a orla reformada. Visitamos a feira de artesanato de objetos de cerâmica, conhecida como Feira do Paracuri. As peças ornamentais à venda reproduzem alguns traços das cerâmicas marajoaras, tapajônicas, maracá, além de exibir também formas criadas exclusivamente pelos artesãos do Paracuri, atraindo os olhares e desejos dos turistas que levam um típico souvenir paraense-amazônico.
- 35 Seguindo pela calçada de cerâmica, passamos por outra feira típica, formada por um conjunto de barracas de venda de coco, situadas num trecho muito ventilado da orla e fronteiro à ilha de Outeiro, que com outras ilhas compõem a porção insular da cidade. Andamos até a Praia do Cruzeiro, que é um dos limites da orla reformada. De lá retornamos ao ponto em que o carro estava estacionado finalizando, quase ao pôr-do-sol, a expedição iniciada pela manhã.
- 36 No caminho de volta ao centro da cidade fizemos uma parada, ainda em Icoaraci, num galpão em que estava sendo preparada uma festa de aparelhagem. No momento em que chegamos, a unidade de controle, hoje conhecida como “nave” (por que simula a decolagem de uma nave espacial durante a apresentação da aparelhagem) estava ainda sendo montada.
- 37 O galpão funciona como uma casa de festa, e o cenário do evento dançante estava em preparação. Tratava-se de uma aparelhagem de médio porte e, portanto, de uma festa cujo alcance de público ficasse talvez limitado ao distrito de Icoaraci. Os carregadores da aparelhagem faziam a primeira parte do trabalho: trazer as peças do equipamento de som para ser montado no salão. Em seguida, o D.J. faria os testes, uma espécie de “passagem de som”, que serviria para anunciar a festa que aconteceria mais tarde. Nesta altura, seria acondicionada a cerveja e os refrigerantes, ao mesmo tempo em que mesas e cadeiras seriam dispostas em torno da área de dança.
- 38 Não ficamos para a festa, da qual certamente participaram os carregadores com quem conversamos. O cansaço, pelo menos dos anfitriões, não permitiu que encerrássemos a etno-expedição numa das festas do circuito bregueiro. Ao invés disso, optamos por saborear comidas típicas paraenses, agora sem a presença de Luciana.

- 39 Fomos a uma barraca de venda de comidas típicas, como muitas que existem pela cidade. O único ponto que saímos das proximidades da orla. Ficamos no Bairro do Marco, próximo ao centro. Lá saboreamos o tacacá, bebida cujo componente básico é o tucupi. Tomamos um tucupi certamente oriundo de uma das feiras da cidade, fruto do trabalho de homens e mulheres cujo trabalho está, de forma direta ou indireta, ligado à vida ribeirinha de Belém.
- 40 Antes que pudéssemos sair da venda de comidas típicas, caiu sobre a cidade uma forte chuva, um grande aguaceiro, que nos deixou presos naquele lugar por algo em torno de 1 hora. A chuva é um fenômeno típico e cotidiano vivenciado pela população de Belém. Há uma canção local (e um ditado popular) que menciona “(...) a chuva das duas... que não pode faltar (...)”. Assistimos à chuva das 8 horas da noite e nos molhamos um pouco. Ela tardou a chegar, mas veio, como quase todos os dias na cidade.
- 41 Encerramos a expedição sob a chuva belenense, que nos obrigou ao recolhimento, depois de um dia de proveitosas perambulações pela face ribeirinha característica desta grande cidade amazônica.
-

AUTORES

GIZELLI VASCONCELOS

28/07/2011